

## *Dos Manuscritos à Internet: A Evolução dos Almanques Farmacêuticos*

Rony P. G. DO VALE  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

**Resumo:** Nossa proposta, neste trabalho, é mostrar como se deu a trajetória evolucionária dos almanques, percorrendo suas possíveis origens na Idade Média como manuscritos até os dias atuais com o almanaque *on-line*. Nesse intuito, desenvolveremos nossa análise da seguinte maneira: na primeira parte, vamos expor os princípios teóricos que nortearão nossa discussão, apoiando-nos principalmente nas reflexões de Bakhtin sobre a origem, evolução e definição dos gêneros do discurso; em segundo lugar, traremos as contribuições de Marcuschi a respeito dos novos gêneros em ambientes digitais; em seguida, no que tange à evolução dos almanques farmacêuticos, faremos um breve resumo da história dos quase 600 anos desses “livrinhos”; por último, analisaremos o caso do Almanaque Renascim/Sadol e suas versões imprensa e *on-line*. Começamos pela questão dos gêneros do discurso.  
**Palavras-chaves:** gêneros do discurso; gêneros digitais; almanques farmacêuticos

**Abstract:** Our proposal, in this work, is to show the path of the evolution of the almanacs, traveling your possible origins in the Medium Age as manuscripts until the currently days with the almanac *on-line*. In that intention, we will develop our analysis in the following way: in the first part, we will expose the theoretical beginnings that they will orientate our discussion, leaning on mainly in the reflections of Bakhtin about the origin, evolution and definition of the gender of the discourse; in second place, we will bring the contributions of Marcuschi regarding the new genders in digital atmospheres; soon after, in what it plays to the evolution of the pharmaceutical almanacs, we will make an abbreviation summary of the history of the almost 600 years of those “books”; last, we will analyze the case of the Almanacs Renascim/Sadol and your versions press and *on-line*.

**Keywords:** genders of the discourse; digital genders; pharmaceutics almanacs

## Introdução

*O almanaque é o livro disciplinar que coloca os marcos, traças as linhas dentro das quais circula, em precisão, toda a nossa vida social.*

Eça de Queirós

A epígrafe acima expõe a importância e o tipo de relacionamento que muitas pessoas mantinham e mantêm com os almanaques: para algumas lá tem de “tudo”, ou seja, elas dão aos almanaques um caráter enciclopédico e consultivo, que ajuda a marcar a nossa trajetória na Terra. Isso é reflexo da sua composição: os almanaques farmacêuticos possuem uma constituição interna formada por diversos gêneros discursivos que vão dos calendários (“folhinha”), às piadas, às receitas, aos horóscopos etc. Alguns desses gêneros permanecem constantes em diferentes edições, tanto em relação ao ano de publicação quanto em relação às diferentes marcas dos laboratórios de medicamentos que patrocinavam esses periódicos como, por exemplo, o Almanaque Biotônico Fontoura, que era patrocinado pelo laboratório de mesmo nome.

Nossa proposta, neste trabalho, é mostrar como se deu a trajetória evolucionária<sup>1</sup> dos almanaques, percorrendo suas possíveis origens na Idade Média como manuscritos até os dias atuais com o almanaque *on-line*. Nesse intuito, desenvolveremos nossa análise da seguinte maneira: na primeira parte, vamos expor os princípios teóricos que nortearão nossa discussão, apoiando-nos principalmente nas reflexões de Bakhtin sobre a origem, evolução e definição dos gêneros do discurso; em segundo lugar, traremos as contribuições de Marcuschi a respeito dos novos gêneros em ambientes digitais; em seguida, no que tange à evolução dos almanaques farmacêuticos, faremos um breve resumo da história dos quase 600 anos desses “livrinhos”; por último, analisaremos o caso do Almanaque Renascim/Sadol e suas versões impressa e *on-line*. Começamos pela questão dos gêneros do discurso.

---

<sup>1</sup> Entendemos por evolução as constantes mudanças sofridas por esses “livrinhos” no decorrer dos quase seis séculos de sua existência; contudo, temos como hipótese que tais mudanças não conseguiram descaracterizar por completo o gênero.

## 1 Reflexões sobre a origem dos gêneros do discurso

Discutir sobre a origem da categoria dos gêneros é uma reflexão delicada, pois envolve vários fatores ligados à utilização da língua. Desse modo, tanto à utilização individual da língua, que se realiza por enunciados, quanto à sua institucionalização pela sociedade, ambas partem da observação empírica (questões sobre a forma e constituição) e da observação abstrata (o levantamento de acordo com critérios teóricos) dos gêneros. Assim, de acordo com Todorov (1980), os gêneros mantêm relações com a sociedade onde se constituem, sendo do interesse dessa mesma sociedade fazer reflexões a respeito desses gêneros, levantando perguntas como: “de onde vêm os gêneros? Qual a sua origem?”. Todorov argumenta que os gêneros, simplesmente, originam-se de outros gêneros: “um novo gênero é sempre a transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação” (TODOROV, 1980, p. 46). Logo, uma sociedade codifica aqueles gêneros que são necessários as suas instituições, num determinado contexto histórico e de acordo com as ideologias vigentes.

Para Marcuschi (2005), a dinamicidade dos gêneros corresponde às necessidades tecnológicas de uma sociedade, gerando novos gêneros a partir do “desmembramento” de gêneros antigos. Por isso, um “sistema genérico”, uma “teorização sobre os gêneros historicamente feita”, torna-se importante, pois as “propriedades discursivas” (traços lingüísticos que podem diferenciar) fazem com que os gêneros possam ser mais bem percebidos pelos usuários da língua: “funcionando como um ‘horizonte de expectativa’ para os leitores e um ‘modelo de escritura’ para os autores”<sup>2</sup> (TODOROV, 1980, p. 49).

Ainda seguindo o pensamento de Todorov, os gêneros derivam de atos de fala em diferentes graus de complexidade, garantindo-lhes uma origem ao mesmo tempo histórica e discursiva. Daí, poder-se afirmar que “a identidade do gênero lhe advém do ato de fala que está na sua base” (TODOROV, 1980, p. 57). Portanto, a

---

<sup>2</sup> Lembramos que as colocações feitas por Todorov se dirigem aos gêneros literários, mas *mutandis mutatis* devemos ampliá-las aos demais gêneros do discurso.

origem dos gêneros dá-se na esfera do discurso que sofre inúmeras transformações, as quais são motivadas pelo uso intenso de determinados gêneros. Segundo Marcuschi (2005, p. 25), “quanto mais um gênero circula, mais ele é suscetível a mudanças e alterações por se achar estritamente ligado a uma modelagem social”.

### **2.1.1 Definição e evolução dos gêneros do discurso na visão bakhtiniana**

Linguagem e historicidade são levadas em consideração na reflexão bakhtiniana. Daí a importância dos indivíduos, da sociedade e da situação comunicativa na definição dos conceitos referentes à linguagem. Os gêneros do discurso não escaparam a essa concepção de linguagem integrada com os aspectos sócio-históricos. Para Bakhtin (2000), há uma relação direta entre os enunciados, os gêneros do discurso e a utilização da língua pelos indivíduos:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esse três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora **tipos relativamente estáveis** de enunciados, sendo isso que denominamos **gêneros do discurso**. (BAKHTIN, 2000, p. 279 – grifos do autor)

A citação acima aponta conceitos que merecem alguns esclarecimentos. Primeiramente, começaremos pelo conceito de enunciado que é utilizado por Bakhtin, para se referir à unidade real e concreta da comunicação discursiva, que possui algumas características como: fazer a língua se efetuar por meio de enunciados (orais ou escritos) e não por meio da frase ou da oração (categorias da língua); não ser

passível de repetição, mas poder ser citados em outras situações comunicativas; formar um elo na cadeia comunicativa, ou seja, dialogar com outros enunciados. Além disso, proporcionar: “a alternância dos sujeitos do discurso; a expressividade e a conclusividade” (RODRIGUES, 2005, p. 160). Os gêneros do discurso, de acordo com a definição bakhtiniana, são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, devem ser percebidos dentro de sua historicidade e atribuir-se a eles a mesma natureza dos enunciados, ou seja, natureza social, discursiva e dialógica. Ainda sobre a mesma definição, a questão dos gêneros serem “tipos” – historicamente definidos –, os diferem da tipologia textual, que se referem às seqüências textuais. Para Rodrigues (2005, p. 164), os tipos de enunciado são:

[...] uma ‘tipificação social’ dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável e reconhecida pelos falantes.

Cabe ressaltar que a ênfase de Mikhail Bakhtin recai sobre a funcionalidade e constituição dos gêneros pela situação social de interação; no entanto, a forma não é desprezada, somente há uma mudança no enfoque, pois se entende que os gêneros são mais maleáveis e plásticos do que as formas lingüísticas (recursos pertencentes à língua). Esses fatores estão diretamente ligados à capacidade dos gêneros de se atualizarem e de se adaptarem às necessidades de cada novo contexto histórico. Desse fato, pode ocorrer a “mesclagem” ou “hibridização” de gêneros, isto é, a confluência de dois gêneros (ou mais) onde um assume ou a forma, ou a função do outro. Isso é apontado por Bakhtin (2000), ao afirmar que cada gênero possui um “cronotopo”, ou seja, cada gênero possui um “horizonte espacial e temporal” e um “horizonte temático e axiológico”. Daí se considerar que os gêneros realizam um “efeito normativo”, condicionando de maneiras diferentes as realizações dos enunciados dentro da comunidade falante; apesar disso, não se caracterizam por rigores formais como as regras lingüísticas.

Para finalizar, devemos assinalar a classificação dos gêneros, em “primários” e “secundários”, proposta por Bakhtin. Tal classificação tem seu caráter diferencial fixado na historicidade, assentada na concepção sociológica da linguagem e não na funcionalidade dos

gêneros. Desse modo, os tipos de gêneros estão diretamente ligados às ideologias: os gêneros primários, identificados como uma “comunicação discursiva imediata”, estão relacionados às “ideologias do cotidiano”; já os gêneros secundários, representantes de uma “comunicação cultural mais complexa”, estão inseridos em “ideologias estabilizadas e formalizadoras”.

## **2 Gêneros *on-line*: novos gêneros ou evolução de gêneros antigos**

Falar dos gêneros *on-line* é tratar da relação dos gêneros com a internet, e dos novos modos de postura dos produtores e leitores de texto diante de um novo meio de comunicação. Partindo dessa idéia, o que questionamos é se há realmente novos gêneros ou se os gêneros *on-line* são somente a evolução de gêneros antigos. Nesse intuito, vejamos o que Marcuschi (2004), Coscarelli (2002) e Canavilhas ([s.d.]) têm a dizer sobre esse assunto.

Para Marcuschi (2004), os “gêneros emergentes” (surgidos no ambiente virtual), extremamente versáteis, possuem similitudes com outros gêneros antigos, tanto os constituídos na oralidade quanto na escrita. Todavia, a discussão não deve ser encerrada tão facilmente, pois a internet deve ser considerada, de acordo com o linguísta, como “uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” (MARCUSCHI, 2004, p. 13), podendo reunir imagem, som, animações etc. num só texto. Destarte, essa tecnologia que garante uma interação mais imediata e novas e diferentes formas de expressão tem a possibilidade de acelerar consideravelmente a evolução dos gêneros. Assim,

Criam-se novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais nesse novo enquadre participativo. Não é propriamente a estrutura que se reorganiza, mas o enquadre que forma a noção de gênero. Em suma: muda o gênero. Desde que não tomemos a contextualização como um simples processo de situar o gênero numa situação de exterioridade, mas sim como enquadre cognitivo, os gêneros virtuais são formas bastantes características de contextualização. (MARCUSCHI, 2004, p. 17-18)

Contudo, esta nova forma de contextualização proporcionada

pela tecnologia leva o lingüista a refletir sobre a existência de “gêneros realmente novos” e gêneros surgidos da “mescla” de vários gêneros antigos. Marcuschi (2004) considera, por exemplo, a *homepage* como suporte e a internet como serviço eletrônico; por outro lado, ele entende que devemos tomar cuidado ao considerar um hipertexto como gênero, pois este surge mais como um “novo modo de enunciação” (MARCUSCHI, 2004, p. 25) do que propriamente um gênero.

Coscarelli (2002), repensando o conceito de texto no meio digital, vai definir o hipertexto como “um texto que traz conexões, chamadas *links*, com outros textos que, por sua vez, se conectam com outros, formando uma grande rede de textos” (COSCARELLI, 2002, p. 73). Para essa autora, um hipertexto pode conter, além dos recursos verbais e não-verbais (imagens, sons, ícones, animações, vídeos etc.), recursos próprios do meio – ferramentas dos programas de computador – como as barras de rolagens, os botões *on/off*, *hiperlinks* etc. Todos esses recursos reunidos influenciam diretamente na concepção dos novos gêneros *on-line*. Entretanto, o que conhecemos hoje como recursos multimídia não era possível nos primeiros anos da internet. Coscarelli (2002) dá o exemplo de algumas enciclopédias tradicionais que simplesmente transferiram do papel para o ambiente *on-line* seus textos, inserindo algumas imagens e animações, porém sem alterações de conteúdo. Todavia, afirma a autora, houve uma facilitação das ações de busca para os leitores.

Ainda pensando sobre a migração dos gêneros para o ambiente *on-line*, Canavilhas ([s.d.]), tratando mais especificamente dos *mass media*<sup>3</sup> (jornal escrito, radiofônico e televisivo), declara que, num primeiro momento, devido a questões de técnicas como a baixa velocidade na rede, houve somente uma transposição, com a manutenção da constituição do jornal para o ambiente virtual, o que tornou aceitável a nomenclatura jornalismo *on-line*. Num segundo momento, atentando para as possibilidades de meio virtual (os recursos multimídia), o jornalismo *on-line* passou a “webjornalismo”, aproximando as linguagens dos três tipos de jornais: escrito, radiofônico e televisivo. Além disso, com uma maior interatividade, as relações entre o jornal e o leitor/ouvinte passam a ser mais rápidas, até instantâneas.

---

<sup>3</sup> “Meios de comunicação de massa” (tradução livre)

O que podemos deduzir desses apontamentos é que os gêneros em ambiente virtual passam por fases de evolução, ou seja, primeiramente sofrem uma transposição para o novo meio, entrando num processo de adaptação, logo depois, eles começam a mudar devido aos avanços tecnológicos proporcionados pela evolução dos computadores e softwares.

### 3 Os almanaques: uma breve visão histórica

Para tratar da evolução<sup>4</sup> dos almanaques, não poderíamos deixar de falar da história desses “livrinhos”. Nossa exposição sobre essa história de quase seis séculos começa com as anotações em tabuinhas de mármore ou barro feitas pelos romanos para marcar o tempo. De acordo com Correia (1986), essas tabuinhas serviam para registrar as festas religiosas segundo as constelações e, além disso, coordenar os trabalhos agrícolas com os meses do ano. Essas marcações, contudo, ainda não se configuravam como os nossos conhecidos almanaques. Vejamos, então, se um estudo etimológico pode nos ajudar a entender melhor as origens desses periódicos.

No dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, Cunha (1986), define “almanaque” como “publicação que, além de um calendário completo, contém matéria recreativa e informativa” e aponta como o primeiro registro da palavra em língua portuguesa no século XIX (ano 1899), derivada do árabe hispânico *almanâh*. Já o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2002) apresenta a etimologia de *almanaque* como sendo do árabe *al-munâkh* ou *al-manâkh* que significa, em árabe, o “lugar onde o camelo se ajoelha; estação; clima; parada em uma viagem” (século XV). Como coloca Silva (2006), seria neste lugar onde os homens – no caso, os nômades – “tratavam de trocar notícias, informações, em geral sobre o tempo, os caminhos, as safras, feitos de personagens famosos ou apenas curiosidades”. Correia (1986), pesquisando sobre as origens desse vocábulo, vai mais longe e cita várias outras fontes:

Eguilaz dá o lat. *manachus* (*circulus*) empregado por Vitúrio no sentido de círculo de um meridiano que servia para indicar os meses.

---

<sup>4</sup> Ver nota (1).



No baixo latim aparece *almanachus* e no baixo grego *alamanakon*, nome dado por Eusébio a calendários egípcios. Engelman salienta que o calendário em árabe é *taqw*m. [...] No *Petit Robert*, lê-se que «do lat. medieval *almanachus*, árabe *almanakh*, provavelmente sírio, rad. ma, lua, mês». Geneviève Bollême, autoridade na matéria, é de opinião que a palavra significou primitivamente «a conta», «o computo». (CORREIA, 1986, p. 2 – grifos do autor).

Park (2004) também contribui para discussão a respeito desse assunto:

Do árabe *al*, e *manach*, computar, contar. Ela [a palavra ‘almanaque’] pode ser a junção do árabe *ocl-o* e do grego *mnu*, mês. Nas línguas orientais *almanha* significa estréia, alvissaras (boas novas). Em saxão, *al-monght* ou *al-monac* seria uma contração para *al-mooned* que significa contendo todas as luas. Originalmente, nossos ancestrais traçaram o curso da lua sobre uma tábua de madeira à qual chamaram *al-monagt* (para *al-mooneld*).

Bollême (1965) define o almanaque etimologicamente como sendo a junção do árabe *al* e do grego *men* = mês ou ainda *menás* (grego) = lua, latim *meusis* e o antigo indiano *mas*, medir. (PARK, 2004, p. 46 – grifos da autora).

O que podemos depreender do exposto acima é que a palavra **almanaque** e suas possíveis origens giram em torno das atividades de contar, no sentido de computar e medir o tempo, e, por extensão de sentido, narrar. Talvez tenhamos aqui as origens dos almanaques como gênero, pois, como ressalta Todorov (1980, p. 57) “a identidade dos gêneros lhe advém do ato de fala que está na sua base [...]; o que não impede que, para se tornar um gênero literário, esse contrato inicial deva sofrer numerosas transformações...”. Nisso nos apoiamos para afirmar que: se *almanaque* era o lugar onde os homens, parando para descansar seus animais, trocavam informações sobre a vida e sobre o tempo, numa diversidade de gêneros primários baseados no diálogo cotidiano (BAKHTIN, 2000), semelhante atividade, pois, acontece com os almanaques escritos, havendo uma assimilação desses gêneros primários por um gênero secundário. Tem-se, desse modo, talvez a primeira evolução dos almanaques na qualidade de gênero e pode-se também dizer que houve uma primeira mudança

de suporte: passa-se da “fala” – aqui entendida como a materialização sonora da língua – para o manuscrito. Quanto a essa mudança, é interessante trazer as palavras de Correia (1986, p. 6):

De acordo com os seus públicos, [os almanaques] podem ou continuar, por um lado, a ser um pequeno folheto, dirigido à população rural, e dos arredores das cidades, ou, então, aumentar de páginas, tornando-se num instrumento de divulgação de conhecimentos quer para o público geral, mais burguês e cidadão, quer junto de algumas camadas sociais diferenciadas por outros interesses muito específicos.

Logo, os almanaques evoluem de acordo com as necessidades das sociedades nas quais eles circulam. Isso também pode ser o motivo de sua relativa estabilidade como gênero discursivo, ou seja, sua composição interna vai variar, podendo conter gêneros internos diversos, desde piadas até marcações astrológicas para navegantes, para fazer jus à sua existência em dado momento histórico.

### 3.1 Os primeiros almanaques: do manuscrito à impressão

Os primeiros almanaques datam da baixa Idade Média. Park (2004) assegura que podemos encontrar almanaques manuscritos (em formato de cordel) na Europa antes do século XV, mas é a partir do século XVIII que os almanaques serão tomados como gênero literário e editorial. Correia (1986) aponta uma mudança dos almanaques manuscritos para impressos juntamente com o advento da imprensa, na Europa (século XV), sendo o primeiro almanaque impresso datado do ano de 1455 na Alemanha. Em Portugal, ainda explica Correia (1986), o primeiro almanaque é datado em 1496: o almanaque *Perpetuum*, que continha informações sobre astrologia, profecias, agricultura etc. Sobre os almanaques portugueses, comenta Silva<sup>5</sup> (2006):

Os almanaques mantiveram a estrutura original daquelas antigas narrativas, como se pode constatar no Almanach Perdurável, do século 14, e no Almanaque Perpetuum, organizado em Leiria, Portugal,

---

<sup>5</sup> Deonísio da Silva é escritor e professor da UFSCar.

pelo astrônomo e historiador judeu Abraham Ben Samuel Zacuto (1425-1515). Sua obra foi consultada por célebres navegadores, entre os quais Cristóvão Colombo (1451-1506) e Vasco da Gama (1469-1524).

No século XIX, com a ênfase no cientificismo, os almanaques passam a ter características de constituição mais próximo das enciclopédias, trazendo temas como a crítica literária e as questões sobre saúde.

### 3.2 Os almanaques e a saúde: o início de outra evolução

Como já foi dito anteriormente, os almanaques podem, de acordo com o público, sofrer mudanças em sua composição. Logo, como neste trabalho enfocaremos os almanaques de farmácia ou farmacêuticos, buscaremos as origens desse último tipo. Park (2004) nos mostra que os almanaques anteriores aos de farmácia tinham uma preocupação de como *evitar a morte*, em contrapartida, os almanaques tidos como farmacêuticos terão como objetivo “evitar a doença, a guerra, a discórdia” etc. por meio de medicamentos, preceitos morais ou com risos. Daí se verificar que, a partir do século XVII, nas feiras, os vendedores ou charlatães oferecessem os almanaques como uma mistura de superstição, alquimia medieval, medicina por meio da leitura das crônicas de humor. Assim,

Nada estranho, portanto, que os almanaques populares de farmácia, portadores deste universo mítico trouxessem, numa corporificação emblemática, os tônicos que agem/atuam no organismo como um todo. Eles são para o corpo, o que o almanaque é para mente. (PARK, 2004, p. 56)

Nessa citação, Park se refere aos elixires e bálsamos que, a partir do século XIX, estarão diretamente ligados à confecção/elaboração dos almanaques farmacêuticos. Já no século posterior, encontraremos a mudança dos elixires para os **biotônicos**.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Aqui fazemos referência principalmente aos tônicos mais conhecidos no Brasil, no século XX: o Biotônico Fontoura e o Tônico Sadol.

A respeito das origens dos almanaques de farmácia, Park (2004) lembra que, na França medieval já havia almanaques que divulgavam medicamentos, mas é a partir do século XIX que os almanaques de farmácia irão surgir. A autora cita, por exemplo, os almanaques farmacêuticos portugueses do final do século XIX: o *Apiol dos Drs. Joret e Hommole e o Leptandrine Royer*. No Brasil, especialmente no início do século XX, veremos o surgimento dos principais almanaques farmacêuticos ligados aos laboratórios que fabricavam tônicos estomacais e produtos fitoterápicos. São eles:

- Pharol da Medicina (1887), do laboratório Gramado;
- Almanaque Iza (1912), do laboratório Kraemer;
- Almanaque do Biotônico Fontoura (1920), do laboratório Fontoura;
- Almanaque Renascim/Sadol (1946), do laboratório Catarinense.

O que desejamos evidenciar com essa (pequena) visão histórica a respeito dos almanaques é, sobretudo, o momento em que houve uma mudança do *contrato de comunicação*,<sup>7</sup> ou seja, até o século XIX, os almanaques se baseavam num contrato de comunicação voltado, prioritariamente, para a informação, configurando um contrato midiático à semelhança de um jornal ou de uma enciclopédia. No final desse século, vê-se o contrato comunicacional mudar: a ênfase passa da informação “pura” (no sentido de haver somente a visada de informação) para a informação somada à publicidade de medicamentos. Isso influenciou na organização dos gêneros internos dos almanaques, que sofreram influência, inclusive, na configuração para atender a esse novo contrato, como o que acontece com o gênero poema intitulado “trova” no Almanaque Renascim/Sadol 2002, página 20:

---

<sup>7</sup> Segundo Charaudeau (2004), uma situação de comunicação (incluindo os seus componentes: parceiros, finalidade, propósito, circunstâncias etc.) determina as condições de produção, de reconhecimento e de enunciação. Além disso, ela faz a ponte entre o domínio da prática social e o domínio de comunicação.

### TROVA

*“Para você que têm bronquite,  
Alergia, tosse e rouquidão,  
Para isso recomendamos usar  
O autêntico xarope **Melagrião**”*

#### 4 O Almanaque Renascim/Sadol: um estudo de caso

Duas edições do Almanaque Renascim/Sadol foram tomadas para exemplificar uma transformação nos almanaques farmacêuticos: a edição 57 de 2002 e a edição 60 de 2005. Esta última é uma edição comemorativa de 60 anos do Laboratório Catarinense, que publica e patrocina este almanaque. Além disso, ela nos chamou à atenção, pois se apresenta como uma versão *on-line* do Almanaque Renascim/Sadol. Por isso a seleção dessas duas edições, uma vez que a comparação entre os almanaques, com fins de discussão a respeito da evolução do gênero, não poderia deixar de verificar uma mudança de meio físico: do impresso para o digital.



Figura 1 - Capa do Almanaque Renascim/Sadol 2002

As edições anteriores à década de noventa do Almanaque Renascim/Sadol eram feitas em papel de qualidade inferior (papel-

jornal); diferentemente, a edição de número 57 de 2002 já traz uma inovação quanto ao material no qual foi impresso o almanaque: do antigo papel jornal para o papel *off-set*/encerrado. Quanto ao conteúdo e a organização, observamos a permanência do *contrato comunicacional* baseado na publicidade dos produtos do Laboratório Catarinense. Por outro lado, é intrigante a forma como a edição 60 está disponível no site do Laboratório Catarinense. Mostraremos as etapas a serem seguidas para chegar ao almanaque *on-line*:

1) Na página do Laboratório Catarinense está disponível um *link* para acesso do almanaque:



Figura 2 - Site do Laboratório Catarinense

2) Depois de acessado, abre-se uma página para o *download* do almanaque:



Figura 3 - Interface de *download* do almanaque *on-line*

3) Por último, abre-se a página do almanaque com suas ferramentas de navegação e leitura:

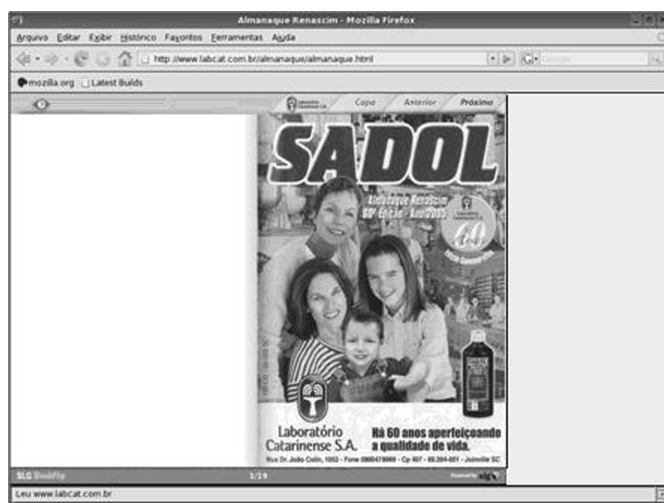


Figura 4 - Homepage do almanaque *on-line*

O que se pode supor a princípio é que simplesmente houve uma mudança de meio físico, pois o almanaque parece ter sido

escaneado para o computador. Mas a discussão merece atenção. Pensando nos passos para chegarmos a esse almanaque digital e nos destinatários dos almanaques, cabe uma pergunta: será que o conteúdo e a organização desse almanaque digital permanecem do mesmo modo – o que indicaria uma cumplicidade com os antigos leitores – ou a mudança atinge o gênero como um todo para satisfazer os novos leitores do mundo digital?

#### 4.1 Almanagues farmacêuticos *on-line*: analisando

O Almanaque Renascim/Sadol edição comemorativa de 60 anos está *hospedado* na *homepage* do Laboratório Catarinense, o que nos leva a propor uma possível mudança de suporte: do almanaque para a *homepage*. Todavia, a estrutura interna do almanaque *on-line* continua praticamente a mesma: 36 páginas que simulam a encadernação brochura nas proporções dos almanaques impressos 18 x 13 cm, além disso, os mesmos intragêneros. Ainda assim, verificaremos alguns pontos que podem indicar uma mudança na estrutura interna desse almanaque:

Em (1), afirma-se que uma mudança de suporte pode causar uma reversibilidade de função e/ou de forma nos intragêneros. No almanaque Renascim/Sadol 2005 *on-line*, embora tenha havido a mudança de suporte, aparentemente não houve reversibilidade nem na função, nem na forma dos intragêneros, mostrando-se praticamente igual ao Almanaque Renascim/Sadol 2002. Isso pode ser explicado por aquilo que Canavilhas ([s.d.]) chama de fases de evolução dos gêneros no ambiente *on-line*, ou seja, um gênero é simplesmente transmutado digitalmente para o ambiente virtual sem sofrer alterações na estrutura interna e no conteúdo. No entanto, como a evolução nesse ambiente é muito rápida, provavelmente haverá mais mutações no gênero almanaque *on-line*, o qual poderá receber os chamados recursos de navegação como os *links*. Coscarelli (2002), tratando dessa mudança para ambiente virtual, atenta para essa questão dos recursos multimídia. Para a autora, neste primeiro estágio a maior transformação dos gêneros são as inclusões das ferramentas da *homepage*: botões *on/off*, barras de rolagem, *hyperlinks* etc. No Renascim 2005 não foi diferente. Na figura 5, descreveremos algumas dessas ferramentas:





Figura 5 – Almanaque 2005, páginas 2 e 3 (abertas)

A figura 5 mostra as páginas 02 e 03 do Almanaque 2005 abertas. Na parte superior temos o que chamamos de barra de ferramentas do navegador, no caso o navegador Mozilla/Fire Fox, as quais não fazem parte da *homepage*. Logo abaixo do endereço virtual, encontram-se as ferramentas da *homepage*: no canto superior esquerdo, uma barra de rolagem que permite folhear as páginas como nos almanques impressos. Essa função pode ser realizada também passando-se o mouse na parte inferior direita do texto. No canto superior direito do texto, aparecem as seguintes ferramentas: a) um *link* que leva ao site do Laboratório Catarinense; b) a ferramenta “capa”, que leva de volta à capa do almanaque; c) dois botões que executam a mesma função da barra de rolagem de páginas. Ao clicar duas vezes sobre o texto, outra ferramenta é acionada: a ferramenta de *zoom*. A figura 6 apresenta as novas ferramentas que surgiram com o *zoom* do texto:



Figura 6 – Almanaque 2005, página 2 com zoom

As inovações são o botão para imprimir a página e a barra de rolagem de texto vertical lateral. Movendo esta última, tem-se acesso à parte inferior das páginas (ver figura 7).



Figura 7 – Página 2, parte inferior

No mais, continuamos a afirmar que não houve alterações na estrutura textual interna desses almanaques, o que nos leva a refutar a idéia de um novo gênero pela mudança de suporte.

No ponto (2), percebemos uma mudança quanto à leitura desses almanaques, pois agora qual será o público de um almanaque que simplesmente reproduz os almanaques impressos: “os antigos leitores ou os leitores internautas?”. A nosso ver, ambos. Os primeiros, por manter a fórmula de construção dos almanaques impressos; os segundos, como uma espécie de nostalgia digital.

### **Considerações finais**

Para fecharmos nossa análise, retomaremos alguns pontos que foram abordados neste artigo. O primeiro deles diz respeito à origem do gênero almanaques e sua maleabilidade de adaptação ao meio: os almanaques, das reuniões no deserto aos ambientes virtuais, servem de exemplo para o que foi colocado por Bakhtin e Todorov, ou seja, é próprio da natureza dos gêneros do discurso servirem aos objetivos comunicativos daqueles que os usam, o que garante um *continuum* no que se refere à evolução de quaisquer gêneros, não sendo interessante decretar a “morte” de um gênero, mas sua mutação em outro ou a passagem de sua “herança genética”. Do segundo ponto, no que toca aos gêneros digitais ou *on-line*, é importante frisar os estágios de adaptação de gênero antigos nos ambientes virtuais: o primeiro, aquele da simples transposição (escaneamento) dos antigos gêneros para novo suporte (*homepage* e/ou site) – o caso dos nossos almanaques analisados –; segundo, aquele das constantes inovações da tecnologia (de software e hardware) que possibilitam uma nova transformação dos gêneros. Por último, colocar como a história dos almanaques passa por diferentes etapas até encontrarmos o que chamamos de almanaques farmacêuticos: a origem nos manuscritos medievais, a mudança de contrato comunicacional de predominantemente midiáticos (continuado, no Brasil, pelo Almanaque Abril) para midiático e publicitário, e a ambientação dos almanaques na internet.

Creemos que, para aqueles que não conheciam os almanaques ou para aqueles que se confundiam em relação aos diferentes tipos de almanaques ainda existentes no Brasil, esses esclarecimentos apontem as potencialidades e as qualidades desse periódico de grande valor histórico.

## Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.) *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.

CANAVILHAS, J. M. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.html>>. Acesso em: 22 set. 2007.

CORREIA, J. D. P.; GUERREIRO, M. V. Almanques ou a sabedoria e as tarefas do tempo. *Revista ICALP*, v. 6, p. 43-52, ago./dez. 1986. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bdc/revistas/revistaicalp/almanques.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2007.

COSCARELLI, C. V. Entre textos e hipertextos. In: \_\_\_\_\_. *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 65-84.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas; União da Vitória: Kayganguê, 2005. p. 17-33.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: \_\_\_\_\_.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais*. São Paulo: Lucerna, 2004. p. 13-67.

PARK, M. B. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. São Paulo: Mercados das Letras, 2004.

QUEIRÓS, E. de. Almanaque (introdução ao 1º volume do Almanaque Enciclopédico). In: CORREIA, J. D. P.; GUERREIRO, M. V. *Almanaques ou a sabedoria e as tarefas do tempo. Revista ICALP*, v. 6, p. 8, ago./dez. 1986. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bdc/revistas/revistaicalp/almanaques.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2007.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-169.

SILVA, Deonísio da. *Revista dos Curiosos: novo manual dos abelhudos*. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd170420021.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2006.

TODOROV, T. A origem dos gêneros. In: \_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins fontes, 1980. p. 43-58.